

O NINHO VAZIO E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIVÊNCIA FAMILIAR

Donato, F. M. M;

Balieiro, C. R. B

RESUMO

O presente estudo apresenta o desenvolvimento familiar ao longo do processo do ciclo vital da família com enfoque na fase madura, período vivenciado com a possibilidade do *ninho vazio*. Compreende-se como *ninho vazio* o período em que os filhos saem do lar para trilharem seus próprios caminhos; essa saída pode acontecer por situações de estudo em outro local, busca de um emprego fora da cidade e quando os filhos decidem formar um novo contexto familiar com o casamento. Quando a saída dos filhos é marcada por sofrimento permanente e contínuo dos pais ou de um dos cônjuges, há o desenvolvimento da síndrome do *ninho vazio*. O objetivo foi investigar a fase madura com a saída dos filhos de casa, a possível vivência da síndrome do *ninho vazio* e suas implicações no contexto familiar. Participaram do estudo seis casais pertencentes ao grupo da Pastoral Familiar da cidade de Ribeirão Preto. Utilizou-se, como instrumento de pesquisa, a entrevista semiestruturada; o método foi qualitativo, de acordo com a análise de conteúdo temática. Os resultados foram divididos em categorias, o que possibilitou a identificação e compreensão dos principais sentimentos vivenciados pelos pais durante a “partida” dos filhos, tais como: sensação do vazio, saudade, tristeza, preocupações financeiras e mudanças de hábitos nos afazeres domésticos com as mulheres. Os sentimentos encontrados manifestaram uma possível vivência do *ninho vazio*. Considerou-se existir a vivência do *ninho vazio* e não a síndrome do *ninho vazio*, pois os sintomas de sofrimento permanente não foram relatados por esses casais.

1. Introdução

Falar de família e saber conceituá-la em seu ciclo vital é algo amplo e com múltiplos significados, fato perceptível, inclusive na definição do próprio termo, quando pesquisado nos dicionários. Segundo o Dicionário Aurélio (2004), o termo família pode ser definido por:

Conjunto de todos os parentes de uma pessoa, e, principalmente, dos que moram com ela. Conjunto formado pelos pais e pelos filhos. Conjunto formado por duas pessoas ligadas pelo casamento e pelos seus eventuais descendentes. Conjunto de pessoas que têm um ancestral comum. Conjunto

de pessoas que vivem na mesma casa. Raça, estirpe; casa. De família: familiar; íntimo; sem cerimônia (AURÉLIO, 2004, p. 871).

De acordo com Fonseca (2005), laço familiar pode ser identificado como uma relação extensa e permanente entre seus membros em que estes reconhecem seus direitos e deveres. O laço familiar pode ser observado nas relações biológicas, adoções e casamentos.

Dentro do contexto familiar, é esperado que ocorra o desenvolvimento das etapas vivenciadas no ciclo vital da família. Entendemos por ciclo vital as etapas que cada um de nós atravessa ao longo de nossas vidas, desde o nascimento até a morte. Segundo Cerveny e Berthoud (2002), a família, no decorrer de sua existência, passa por quatro fases em seu desenvolvimento: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última.

A fase de aquisição é marcada pela escolha dos parceiros, criação de laços, aposta na relação e pela união para a formação de uma nova família. Nessa fase, muitas vezes surge o nascimento do primeiro filho e, conseqüentemente, aparecem os cuidados com o bebê, as preocupações quanto ao futuro financeiro e emocional da família.

O casamento é o momento de formar uma nova família, seja formalizada ou não. Dependendo dos padrões aprendidos na família de origem de cada cônjuge, a nova união pode ser marcada pelo conflito entre os envolvidos. Há situações que permitem antecipar probabilidades de ajuste problemático, tais como a proximidade da residência das famílias de origem e dificuldades de relacionamento de um dos cônjuges com irmãos ou pais, dentre outras. (MC GOLDRICH M, 1995, apud SOUZA, DALLALANA, 2004, p. 160).

A fase adolescente é conhecida pelo questionamento dos filhos e nela há profundas transformações e readaptações familiares. É caracterizada pelo início da liberdade, das responsabilidades e dos conflitos de gerações, uma vez que os filhos adolescentes começam a usufruir maior liberdade e independência e, em contrapartida, há uma redução da autoridade paterna. (GARCIA PRETO N., In: CARTER B; MC GILDRINCH M, 1995, apud SOUZA, DALLALANA 2004, p. 160). A preocupação com a aparência é visível nesta etapa; a identificação com os grupos, as amigas e a sexualidade são fatores vivenciados intensamente pelo adolescente.

Na sequência das fases do desenvolvimento da família, a fase madura possui relação com a “síndrome do ninho vazio”, caracterizada pela saída dos filhos de casa. Nessa fase, a relação familiar passa novamente por mudanças e, para o casal, é importante que este processo seja vivenciado de forma amena e compreensível, já que se trata de um momento dentro do ciclo vital da família, uma vez que o casamento muda de função em decorrência da

ausência dos filhos. É importante que a família consiga passar por esse processo de forma adequada e reorganizar-se. Caso tal processo seja vivenciado de forma dolorosa, pode-se iniciar uma crise familiar desencadeando então a síndrome do ninho vazio. (MC CULLOUGH PG, RUMTEMBERG SK, In: CARTER B; MC GILDRINCH M, 1995, apud SOUZA, DALLALANA 2004, p. 161). Essa fase também está relacionada com a chegada dos netos e preocupações quanto ao futuro destes.

A parte final da etapa do desenvolvimento é compreendida pela fase última: é o momento de rever como se viveu, é a fase do balanço. Os filhos passam a serem cuidadores dos pais, uma vez que estes podem estar mais necessitados de cuidados. Pode-se dizer que nessa fase há o encontro com as perdas e o luto dos amigos próximos que também estão sob o processo do envelhecimento, assim como os familiares.

Walsh F., MC Goldrich M. (1993, apud Souza, Dallalana 2004, p. 161), concluíram que as etapas inseridas no contexto familiar passam por várias situações que podem mexer com a estrutura e a organização familiar, uma vez que nesta fase última do ciclo vital é visível o surgimento de doenças, bem como a aposentadoria, as dificuldades de locomoção e o isolamento social, sendo possível haver crises se essas situações não forem devidamente trabalhadas.

A união de todas as fases citadas faz parte do ciclo vital da família e cada etapa tem suas regras e expectativas a serem experimentadas. Cada fase possui características próprias. A trabalhada como tema deste trabalho é a fase madura com enfoque na síndrome do ninho vazio.

Para Sartori e Zilberman (2008), esta fase é caracterizada por dualidades de sentimentos pelos pais, tais como orgulho, alegria; e pelos sentimentos de tristeza ou abandono, uma vez que os pais agora percebem seus filhos adultos e independentes e, ao mesmo tempo, notam que os filhos não estão tão presentes no lar como outrora. A vida do casal é marcada por grandes mudanças: risco de divórcio, estresse, mudanças de papéis - quando se tornam avós até o alcance da reestruturação e do reencontro pelo casal.

Quando o casal se torna uma família, esta passa por diversos ciclos e, quando chega às vésperas de ver seus filhos se lançarem ao mundo, pode se deparar com sentimentos de infelicidade e vivenciar essa fase como insatisfatória. (HARRIS RL, ELLICOTT AM, HOLMES DS, 1986, apud SARTORI, ZIBERMAN, 2008 p. 119).

Segundo Brito da Luz e Brito da Luz (1996), neste período o casal se vê novamente sozinho e é necessária uma reconstrução e reencontro entre o casal, a retomada de interesses

comuns, pois, antes dessa fase, a mulher estava sempre presente cuidando dos filhos e o homem provendo a família.

Vários estudos têm demonstrado que, após a saída dos filhos de casa, a maioria dos casais se reencontra e vive bem física, social e psicologicamente, aumentando assim a qualidade de vida. (GLICK PC, 1977, apud SARTORI, ZIBERMAN, 2008, p. 119).

Alguns estudos, como os de Ziberman e Sartori (2008) e o de Silveira e Wagner (2006), relatam maior sofrimento por parte das mulheres nesse período, pois muitas mães dedicaram-se unicamente à maternidade. Assim, quando os filhos vão embora, a mulher vivencia o sentimento de “abandono” e de seu papel já estar cumprido no lar.

Os estudos mais antigos enfatizam, em particular, o sofrimento das mulheres, associados à emergência de quadros depressivos à perda do papel de cuidadora dos filhos, função tradicionalmente ligada ao papel de feminino. Mulheres que dedicaram sua vida, de modo exclusivo, à criação dos filhos acham difícil vê-los partindo, e o autoconceito delas passa a ser “não sirvo para nada”, o que confirma a autoestima rebaixada. (BRIGGS DC, 2000, apud SARTORI, ZIBERMAN, 2008, p.118).

Segundo o trabalho de Sartori e Ziberman (2008), no caso de mulheres que não se dedicavam exclusivamente à maternidade por trabalharem fora, praticarem atividades físicas e manterem contatos sociais, foi observado que elas sentiam menos a ausência dos filhos e a síndrome do ninho vazio, pois o período era vivenciado de forma mais amena e tranquila, devido ao fato que desempenhavam vários papéis além da maternidade.

Um ponto importante é diferenciar o ninho vazio da síndrome do ninho vazio, pois a última desenvolve-se quando os sentimentos de perda, tristeza, saudade, preocupações e o vazio tornam-se permanentes na vida do indivíduo, tornando o sofrimento maior e permanente e possibilitando o surgimento de outros sintomas.

Nessa fase, também são observados sintomas de depressão, dependência e desestruturação familiar, como é o caso da assim chamada síndrome do ninho vazio, que foi definida em algumas culturas como sofrimento associado à perda do papel da função parental com a saída dos filhos da casa dos pais. (HARKINS EB, 1978, apud LIU LJ, 2007 apud SARTORI, ZIBERMAN, 2009, p. 113).

Para o casal, é muito importante que vivencie esta fase com compreensão e que cada um manifeste seus sentimentos a fim de colaborar para um melhor entendimento do período.

É essencial ressaltar a necessidade de buscar e compartilhar interesses comuns, pois é uma nova etapa no decorrer da vida familiar e do casal.

1.1 Objetivo

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como são as vivências entre casais durante a fase do ninho vazio. Como objetivos específicos, temos:

- Identificar quais os principais sentimentos vivenciados pelos casais nesta fase do ciclo vital;
- Investigar se existe diferença das vivências entre casais com múltiplos filhos e com filhos únicos que se encontram nesta mesma fase;
- Como foi a adaptação dos casais após a saída dos (o) filhos (o).

1.2 Justificativa

Como mencionado na introdução deste trabalho, todo desenvolvimento implica em mudanças, crises e transformações, porém o mais importante é que cada família consiga lidar com essas modificações de maneira amena e menos conflitante.

A presente pesquisa pretende averiguar as possíveis vivências de casais que passaram pela síndrome do ninho vazio, procurando compreender seus sentimentos e conhecer como manejaram e adaptaram-se a essa nova etapa da vida.

2. Desenvolvimento

2.1 Instrumentos

Foi utilizada para a pesquisa uma entrevista semiestruturada com roteiro flexível que compreendeu os aspectos e sentimentos sobre a síndrome do ninho vazio.

2.2 Aparatos de Pesquisa

Para a coleta dos dados, foram utilizados um gravador, lápis, canetas, folhas, borracha, computador e CDs.

2.3 Procedimento de Coleta de Dados

O responsável pela Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus na cidade de Ribeirão Preto foi consultado para autorização de contato com o grupo de casais da Pastoral Familiar. Após autorização, realizou-se uma reunião com o grupo da Pastoral Familiar para

apresentação da pesquisadora, tema e objetivos desta pesquisa e, na oportunidade, uma lista com os nomes e contatos dos casais que tinham interesse em participar da entrevista foi elaborada. As entrevistas deram-se nas residências de cada casal com horários definidos pelos mesmos. Em cada entrevista, foram explicados novamente os objetivos desta pesquisa bem como a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os casais.

2.4 Procedimento de Análise de Dados

As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e analisadas utilizando-se do referencial teórico da Análise de Conteúdo Temático, que consiste em:

Através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de hipóteses. (GOMES apud MINAYO, 2000, p. 74).

A Análise de conteúdo é caracterizada pelas fases da pré-exploração do material, seleção das unidades de análise ou unidades de significados e pelo processo de categorização e subcategorização dos resultados (CAMPOS, 2004, p. 613).

3. Análise e Discussão

A pesquisa teve como sujeitos seis casais, com faixa etária entre 50 a 70 anos, que atuam na Pastoral Familiar pertencente à Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus, localizada no bairro Campos Elíseos da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo.

Sujeitos	Idade	Número de Filhos	Sexo dos Filhos	Anos de Casamento
Casal A	70 e 703	3 (feminino)	42	
Casal B	55 e 602	1 (feminino)		
	1 (masculino)	33		
Casal C	65 e 642	2 (masculino)	42	
Casal D	60 e 681	1 (masculino)	35	
Casal E	56 e 582	2 (masculino)	32	
Casal F	50 e 562	1 (feminino)		
	1 (masculino)	29		

Quadro 1: Descrição dos sujeitos da pesquisa quanto à idade, número de filhos, sexo dos filhos e anos de casamento.

Nesse quadro, percebemos que a média de idade entre os participantes foi de 61 anos e com média de um filho por casal. Em relação a tempo de casamento, a média dos casais entrevistados foi de 35 anos. O resultado caracteriza um fenômeno do ciclo vital observado nos últimos cinco anos que diz respeito à invasão entre as fases da vida, ou seja, houve um avanço da fase madura que é considerado, de acordo com Cerveny e Berthoud (2002), período de transições e transformações no contexto familiar, com a saída dos filhos de casa, a entrada de novos membros familiares, netos e a retomada da vida a dois. De acordo com os resultados, podemos refletir sobre a possibilidade desses sujeitos estarem na fase última, mas vivenciando situações da fase madura cuja idade estende-se dos cinquenta a meados dos sessenta, já que se pode notar, de acordo com a média de idade, que os sujeitos entrevistados estão mais pertos da terceira idade do que da fase madura.

Este estudo trata-se de uma investigação da fase madura no que diz respeito à saída dos filhos de casa e a possível vivência da síndrome do ninho vazio e suas implicações no contexto familiar.

Durante a realização das entrevistas, foi observado que os casais emocionavam-se muito ao relembrar os momentos vivenciados desde a infância à vida adulta dos filhos, além de mostrarem-se muito receptivos e colaborativos com a pesquisa.

Em cada família entrevistada, foi observado que todos os casais sentiram empatia pelo tema, revivendo o ciclo vital familiar ao mostrarem os álbuns de fotografia, relatando cada época à pesquisadora. Os resultados obtidos por meio da análise das respostas fornecidas pelos seis casais entrevistados foram divididos em nove categorias, de acordo com o tema central de cada resposta.

3.1 Planejamento dos filhos

Na categoria planejamento dos filhos foi observado que a maioria dos casais planejou tanto o nascimento do primeiro filho quanto o dos seguintes.

Casal B: “A primeira filha, assim, foi bem esperada, né? Assim, nós fizemos planos, tinha um ano de casamento, então a gente ficou bem feliz, né?”.

A categoria planejamento dos filhos encontra-se dentro da Fase de Aquisição no ciclo vital da família e, segundo Cerveny e Berthoud (2007), três fenômenos importantes ocorrem nessa fase: a união com o casamento e a vivência de recém-casados, a construção da vida a dois com o planejamento de adquirir os bens materiais e o sustento do casal e, por fim, a vivência da parentalidade com o nascimento do primeiro filho e dos seguintes.

3.2 Sentimentos entre as vivências dos nascimentos do primeiro e do segundo filho

Na categoria sentimentos entre as vivências do nascimento do primeiro filho e dos demais filhos, notou-se que o nascer do primeiro filho veio carregado de expectativas, esperanças e com sentimentos de ansiedade, emoção, alegrias, amor, felicidade. Com os demais filhos, os sentimentos vivenciados também foram de alegria, felicidade e amor, mas foi observada uma diferença em relação às expectativas, tensões e dificuldades nos nascimentos posteriores ao do primeiro filho. Nota-se que a experiência do primeiro filho colaborou com a tranquilidade e ensinamento dos pais para os filhos seguintes.

CASAL B: “Eu tava... Ficamos ansiosos, então foi assim, uma criatura que a gente esperou muito e foi bem-vinda mesmo. A gente ficou muito feliz, ainda mais o J...”.

As transformações de papéis são consideradas um marco na vida da família. Podemos entender que essas transformações acontecem com o nascimento de um filho, quando cada membro familiar descobre-se nos novos papéis como pais, avós, tios, dentre outros, naquela nova família que surge com a chegada do bebê.

3.3 Tempo de permanência com os filhos

Na categoria tempo de permanência com os filhos, podemos observar que as mulheres tiveram mais tempo ao lado de seus filhos durante a infância, enquanto os homens, por serem os provedores do lar, permaneciam grande parte do tempo fora de casa.

CASAL E: “É, a mãe... Ela parou de trabalhar pra cuidar”.

Cabe ressaltar um dado observado nos relatos das mulheres. Houve mudanças no plano pessoal das mulheres que exerciam trabalhos fora do lar, no momento em que precisaram escolher entre cuidar dos filhos ou trabalhar fora, e todas optaram deixar o emprego para poder cuidar dos filhos pequenos integralmente.

3.4 Primeiro dia de escola dos filhos

Na categoria primeiro dia de escola dos filhos, podemos observar que os casais vivenciaram uma mistura de sentimentos como emoção, ansiedade, preocupação e sensação de vazio.

CASAL B: “Pra mim foi ruim. Porque eu, né? O dia inteiro com ela, né?, com os dois... E aí senti aquele vazio durante o dia, sózin... Muito sozinha, né?. Aí eu não via a hora de chegar o horário pra mim buscar ela... Os dois né?. Eu ficava olhando no relógio. Aí eu ficava contente, falei ‘ah, agora eu vou buscar, fico sossegada, eles vão ficar aqui comigo’. Aí

eu acostumei também, foi assim uma... Uns dias, uma fase, depois passou.... Aí o J. chegava à noite e eu contava as novidades, né?”

É importante salientar que o ambiente familiar deve ser um facilitador neste processo de a criança ser inserida no ambiente escolar. Os pais com os sentimentos “à flor da pele” devem compreender esse momento vivenciado entre eles e o filho. Sendo assim, pôde-se observar nos relatos dos casais um misto de sentimentos: angústia, preocupações, curiosidades e alegrias.

3.5 Vivência com filhos adolescentes

Na categoria vivência com filhos adolescentes, podemos observar que os casais começaram a perceber as mudanças ocasionadas com o início da adolescência no sistema familiar. Os sentimentos evidenciados relacionavam-se às preocupações, cuidado permanente (evidente pelo sentimento de “pai coruja”) e o ciúme que a fase adolescente gera na família quando o jovem começa o processo do sair de casa para estar com seus amigos, frequentando casas noturnas, shows e bares, até então considerados, pelos pais, “ambientes dos adultos”.

CASAL A: “Mudança... Acho que foi mais nossa que delas, porque aquela ciúmeira do adolescente, a gente, o pai coruja, né?... Pai coruja é aquele que abraça os filhos toda hora, acha que é o melhor filho do mundo... Esse é o pai coruja...”

É muito importante que essa fase do ciclo vital da família seja vivenciada com compreensão e entendimento, pois a cada dia surge um enfrentamento com as mudanças ocasionadas nas relações familiares e cabe à família oferecer segurança, diálogo, apoio, equilíbrio e limites aos filhos.

3.6 Início dos relacionamentos dos filhos

Na categoria início dos relacionamentos dos filhos (as), podemos observar as diferenças entre casais com filhos homens e aqueles com filhas mulheres. Os sentimentos de casais com filhas relacionavam-se às preocupações quanto aos estudos, ciúme, início de namoro. Já nos casais com filhos homens, notou-se a dificuldade de aceitação da parceira do filho e da família de origem da possível parceira do filho.

CASAL B: “Olha, foi preocupante, viu, pra mim foi. E principalmente minha filha. Foi muito preocupante porque começou a namorar muito cedo e tal, e eu não queria, você entendeu?”.

CASAL C: “Ah, essa moça que ele começou a namorar, a primeira a gente não aceitou muito. Mas a segunda, meu marido já queria e tudo. Quer dizer que então, a gente aceitou assim, numa boa sabe?”.

Na fase madura, a família novamente vivencia o momento de transições e mudanças: remodelando as relações, cuidando dos mais velhos, a saída dos filhos de casa ou o casamento destes, entrada de parentes por afinidades, como observado nessa categoria do início dos relacionamentos e escolhas afetivas dos filhos (as) dos casais participantes.

3.7 Sentimentos vivenciados pelos casais com a saída dos filhos de casa

Na categoria sentimentos vivenciados pelos casais com a saída dos filhos de casa, podemos perceber os participantes demonstrarem sentimentos variados como a sensação do vazio, saudade, tristeza, preocupações financeiras com os filhos e mudanças de hábitos nos afazeres domésticos, no caso das mães.

CASAL B: “Pra mim foi... Foi difícil pra mim, porque eu e ela, a gente sempre se deu muito bem, né? Até hoje. Então, pra mim foi difícil. Porque na época ela ficou comigo, ela trabalhava. né?, então eu... Ela saía, ia trabalhar depois ela chegava aqui, ela era muito caseira. Então até hoje a gente se dá superbem. Ela não faz nada sem eu, sem o meu palpite e eu também. A gente se comunica muito pelo telefone, né? Ela vem aqui mais de final de semana. Mas pra mim foi difícil. Não é?! Senti aquele vazio, sabe?, casa vazia. Chorei muito. Depois eu fui... Aí ela vinha aqui mais, me ligava todo dia, então já foi melhorando.”

Alguns estudos Zilberman e Sartori (2008), Silveira e Wagner (2006) relatam maior sofrimento por parte das mulheres nesse período, muitas mães dedicaram-se unicamente à maternidade e, quando os filhos vão embora, a mulher vivencia o sentimento de “abandono” e de que seu papel já está cumprido no lar, como podemos encontrar no relato da mãe participante acima.

A saída dos filhos de casa ocorre na fase madura do ciclo vital da família e os filhos, agora adultos e independentes, passam a seguir seus próprios caminhos, muitas vezes por melhor possibilidade de emprego, de estudos, viagens e o casamento que culminará em um novo núcleo familiar. Podemos dizer que essa “partida” recebe o nome de “ninho vazio” devido à mudança pelo período que antes era vivenciado e sentido pelos casais nos afazeres domésticos, nos cuidados e atenção aos filhos pequenos. Agora, esses mesmos pais encontram-se no “vazio” de tantas obrigações e tarefas que tinham com os filhos e é neste momento que o casal passa pela experiência do “ninho vazio” e mais uma vez a família revive um momento de “crise”, a crise da separação.

3.8 A retomada a vida a dois após a saída dos filhos

Na categoria retomada da vida a dois após a saída dos filhos, encontramos dados importantes no que diz respeito à conjugalidade dos casais desta pesquisa. Após a saída dos filhos de casa, os casais mantiveram e estenderam as redes sociais de apoio. Como mencionado no início deste trabalho, os casais entrevistados são participantes ativos da Pastoral Familiar e, podemos observar pelos relatos dos entrevistados, que o grupo está sempre organizando e provendo eventos na paróquia e na comunidade. Importante ressaltar que, além da interação do grupo, os casais também praticam outras atividades de lazer, como viagens, bares, teatros, casas de amigos, bailes e cinema.

CASAL D: “A gente costuma sair às vezes à noite, só nós dois. Vai tomar um choppinho, vai num baile, numa coisa assim, e sai sim. Saí com os casais aqui da igreja, a gente sai a turma de casal.”

O lazer na vida dos casais possui um espaço importante nas relações que estabelecem ao longo da vida. Segundo IWANOWICZ (2000 apud AZEVEDO; CARVALHO, 2006, p. 76), o lazer fornece um foro para as interações importantes e significativas na formação de autoconceito e para o sentido de bem estar psicológico e social.

3.9 Conhecimento a respeito da síndrome do ninho vazio

Na categoria conhecimento a respeito da síndrome do ninho vazio, podemos encontrar a diferença entre os significados da síndrome do ninho vazio e da vivência do ninho vazio. Os casais participantes relataram que não vivenciaram a síndrome do ninho vazio, mas podemos observar ao longo desta pesquisa que, em algum momento, sentiram e vivenciaram os sentimentos ocasionados pelo ninho vazio. Podemos encontrar esses dados na categoria de sentimentos vivenciados pelos casais com a saída dos filhos de casa.

CASAL C: “Já porque isso aí é uma matéria que é posta dentro do... da Pastoral, né?. Trabalhando com... A gente trabalha com os pais dos adolescentes e com as famílias, né?... Daí vem família da comunidade, que a gente faz o grupo de encontro de pais e... Então isso aí tá envolvido...”

Podemos concluir, com base nos relatos dos casais participantes, que não houve o desenvolvimento da síndrome do ninho vazio uma vez que esses casais, em seus relatos, não demonstraram sofrimento permanente com a saída dos filhos de casa, mas nota-se, através dos relatos, que os casais vivenciaram o ninho vazio, salvo um dos participantes que passou pelo ninho vazio sem ter conhecimento do termo “ninho vazio”.

4. Considerações finais

Ao longo do ciclo vital, a família passa por quatro fases que são: a de aquisição, a adolescente, a fase madura e a última. Esta pesquisa teve como estudo a fase madura, a vivência do ninho vazio, o possível desenvolvimento da síndrome do ninho vazio e suas implicações na vivência familiar. Após a análise dos dados, podemos compreender os principais sentimentos vivenciados pelos pais durante o processo de “partida” dos filhos. Os sentimentos foram: sensação do vazio, saudade, tristeza, preocupações financeiras com os filhos e mudanças de hábitos nos afazeres domésticos, no caso das mulheres, e os sentimentos encontrados manifestaram uma possível vivência do ninho vazio.

Segundo os estudos de Sartori e Zilberman (2008), esta fase é caracterizada por dualidades de sentimentos pelos pais, tais como orgulho, alegria e pelos sentimentos de tristeza ou abandono, uma vez que os pais agora percebem que seus filhos estão adultos e independentes e, ao mesmo tempo, percebem que os filhos não se encontram tão presentes no lar como antes. Nota-se que vivenciar o ninho vazio é diferente do desenvolvimento da síndrome do ninho vazio, uma vez que para desenvolver esta síndrome é necessário existir sofrimento contínuo e permanente dos sentimentos de perda, tristeza, abandono e o desenvolvimento de outras doenças como a depressão; o que diferenciará o ninho vazio da síndrome do ninho vazio será como os casais irão enfrentar e ultrapassar o período de partida dos filhos.

Conforme descrito na literatura utilizada como referência para esta pesquisa, podemos afirmar que as mulheres de fato são as que mais sentem a sensação do ninho vazio, pois dedicaram grande período de tempo nos afazeres e cuidados com os filhos. Pôde-se encontrar uma nova informação nos relatos de algumas mães que necessitaram pausar seus projetos pessoais em benefício da dedicação aos filhos para que pudessem ter um tempo maior de permanência com eles.

Outro ponto importante refere-se à adaptação destes casais após a saída dos filhos. Os participantes demonstraram ultrapassar a vivência do ninho vazio, fortalecendo os laços de amizades, divertindo-se com os amigos, na busca de apoio no próprio grupo da Pastoral Familiar e na religiosidade como fonte de acolhimento e bem-estar, promovendo uma saudável qualidade de vida junto aos seus parceiros.

Com os dados das entrevistas, é possível observar que grande parte da população já ouviu algo a respeito ou conhece o tema ninho vazio, mas, por falta de informação aprofundada, não reconhece quando está vivenciando esta fase dentro do ciclo familiar, visto

que vivenciar a fase não significa ter a síndrome do ninho vazio, marcada pelo sentimento permanente de ausência do membro familiar, no caso, o filho (a).

Diante das diversas possibilidades de situações que o ninho vazio pode implicar nas estruturas familiares, em especial, na vivência da família, faz-se necessária a existência de mais estudos, a fim de analisar a profundidade deste sentimento nas famílias e seu possível desdobramento na síndrome do ninho vazio.

REFERÊNCIAS

ALVES, Z.M.M.B. **Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX**. Revista Psicologia Teoria e Pesquisa; v. 16, nº 3, pp. 233-239, setembro - dezembro 2000.

AZEVEDO, R.P.C.; CARVALHO, A.M.A. **O lugar da família na rede social do lazer após a aposentadoria**. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano; v.16, nº 3, pp. 76-82, 2006.

BRITO DA LUZ, L.J.M.N.; BRITO DA LUZ, J.P.A. 109. **A síndrome do ninho vazio**. Revista Medicina Geral da Família 2000, parte III- saúde e ambientes, 3.1 ambiente familiar, dezembro, 2000.

CAMPOS, C.J.G. **Métodos de Análise de conteúdo: ferramentas para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Revista Brasileira de Enfermagem; v. 57, nº 5, pp. 611-613, 2004.

CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. 1ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 3ª edição. Curitiba: Positivo, p. 871, 2004.

FONSECA, C. **Concepções de famílias de intervenção: uma contribuição antropológica**. Revista saúde e sociedade, v. 14, nº 2, pp.50-59, maio – agosto, 2005.

GOMES, R. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, M.C.S. (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 16ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SARTORI, A.C.R.; ZILBERMAN, M.L. **Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio**. Revista Psiquiatria Clínica, v.36, nº3, pp.112-121, 2009.

SILVEIRA, P.G; WAGNER, A. **Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família** de origem. Revista Estudos de Psicologia, Campinas, v.23, nº4, pp.441-453, outubro – janeiro, 2006.

SOUZA, N.R.; DALLALANA, T. M. **Enfoque sistêmico**: Uma discussão sobre mudanças no modelo do programa saúde da família. Família Saúde Desenvolvimento, Curitiba, v. 6, nº 2, pp.154-165, maio – agosto, 2004.